



Data: 04.08.2020

Titulo: Foi o Julho com mais mortes em 12 anos e covid-19 só explica 1,5%

Pub: 



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3

Foi o Julho com mais mortes em 12 anos e covid-19 só explica 1,5%

Aumento de óbitos foi de 26% face ao mesmo mês de 2019. Especialistas apontam falhas no acesso aos serviços de saúde, por causa da pandemia. DGS diz que o calor é o principal responsável **Destaque, 2/3**

Área: 1297cm² / 45%

Titagem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6910970



MORTALIDADE

Foi o Julho com mais mortes em 12 anos e covid-19 só explica 1,5%

DGS aponta onda de calor como principal responsável. Falta de acesso aos serviços de saúde, um efeito secundário do confinamento, também pode ser a causa, apontam vários especialistas

Miguel Dantas e Rui Barros

N o mês passado morreram em Portugal 10.390 pessoas, o valor mais alto registado nos meses de Julho em 12 anos. De acordo com os dados recolhidos pelo PÚBLICO no sistema nacional de Vigilância da Mortalidade (eVM), que regista o número de óbitos diários desde 2009, em Julho morreram mais 2137 pessoas do que em igual período do ano anterior – um crescimento a rondar os 26%.

Não são efeitos – pelo menos directos – da covid-19. Em Abril deste ano, o número de pessoas que morreram com SARS-CoV-2 representava quase 8% do total de mortes em todo o país. Já em Julho, apenas 1,53% dos óbitos (159 do total) se devem à covid-19. Um valor que coloca a percentagem de mortes provocada pelo novo coronavírus em valores próximos dos que se verificavam em Março deste ano, primeiro mês da pandemia.

Mas quais são então as razões para este valor recorde? A 17 de Julho, a directora-geral da Saúde, Graça Freitas, já tinha assinalado um aumento substancial da mortalidade nesse mês, dizendo que “quase todos” os óbitos estavam “relacionados com dias de intenso calor”. Justificação reforçada pela DGS, ontem, em resposta às perguntas enviadas pelo PÚBLICO. A entidade oficial acredita que “calor extremo é a causa mais provável do aumento da mortalidade nos grupos etários acima dos 65

anos”, garantindo que os dados serão analisados de forma mais detalhada quando as causas dos óbitos forem conhecidas. “A codificação das causas de morte de 2020 está em curso e só será conhecida em 2021”, finaliza a DGS.

Especialistas de saúde ouvidos pelo PÚBLICO defendem que a elevada mortalidade de Julho pode também ser um efeito secundário do confinamento, período em que o acesso ao Serviço Nacional de Saúde foi fortemente condicionado.

De acordo com o subdirector da Escola Nacional de Saúde Pública (ENSP), Alexandre Abrantes, podem ser traçadas três razões principais que justifiquem o valor recorde registado em Julho de 2020. “Na minha opinião, a mortalidade pode ter três causas. Em primeiro lugar, a principal neste momento, provavelmente, são pessoas que não foram aos serviços de saúde – porque tinham medo. A segunda é que [os pacientes] tinham coisas agendadas para realizarem exames a cancro e outras doenças e não tiveram hipótese de as realizar. Vemos agora os números públicos das listas de espera para cirurgias e exames, a atenção está de tal maneira polarizada para a covid – e aqui os *media* têm alguma culpa – que o resto foi esquecido no serviço de saúde. Uma terceira hipótese – acho que já não é o caso – é as pessoas chegarem ao hospital e como todos os médicos e máquinas estão viradas para a covid as pessoas não

são tratadas da mesma forma. Isso julgo que seja a hipótese com menos impacto, porque os serviços não estão a rebentar pelas costuras, há espaço para as urgências”, explica.

Por sua vez, António Vaz Carneiro, especialista em medicina interna e presidente do conselho científico do Centro de Estudos de Medicina Baseada na Evidência, começa por dizer que a análise estatística da mortalidade é uma “arte difícil”, dificuldade essa acentuada pela irregularidade provocada pelo confinamento. Certas causas de morte – como acidentes rodoviários, por exemplo – foram reduzidas substancialmente, factor com interferência directa na análise dos dados. Contudo, tal como Alexandre Abrantes, defende que as atenções dos serviços de saúde se voltam a focar nas doenças cardiovasculares e oncológicas, principais causas de morte no país.

“A razão tem de ser o excesso de mortalidade provocado pela negligência e impossibilidade de acesso a cuidados que os dois milhões de doentes crónicos em Portugal deixaram de ter. Não há outra explicação, podem-me vir com conversas. Temos uma população altamente negligenciada, doentes crónicos com múltiplas doenças que pura e simplesmente não têm consultas. No interior do país consegue marcar uma consulta? É impossível”, afirma.

O excesso de mortalidade já tinha sido identificado noutros meses. Uma equipa da ENSP analisou as



Temos uma população altamente negligenciada, doentes crónicos com múltiplas doenças que não têm consultas

António Vaz Carneiro

Especialista em medicina interna

mortes registadas entre 3 de Maio e 13 de Junho deste ano: as primeiras seis semanas de desconfinamento. Nesse período registaram-se 11.124 mortes, mais 807 do que seria de esperar. Desse total, cerca de 474 foram provocadas por outras causas que não a covid-19.

O investigador Paulo Jorge Nogueira, estatístico do Instituto de Medicina Preventiva e Saúde Pública da Facul-

dade de Medicina da Universidade de Lisboa, diz que os factores enunciados anteriormente são uma possibilidade, pondo também em cima da mesa o envelhecimento da população. “Nunca tivemos uma população tão idosa, há muitas pessoas em sobrevida, também é um factor. Mas temos de estudar isso, não há ainda dados, é tudo uma possibilidade. Temos de olhar para as estatísticas e estudá-las”, finaliza.

O crescimento no último mês do número de mortos regista-se um pouco por todo o país. Se olharmos para o número de óbitos por mil residentes em cada concelho, os distritos da Guarda, Portalegre e Bragança registaram todos mais de 1,7 óbitos por mil habitantes no mês de Julho.

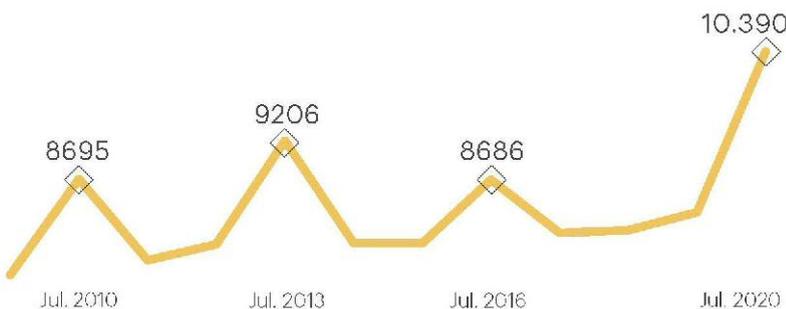
Destes três distritos, Guarda e Portalegre são também os que registaram o maior crescimento neste indicador quando comparado com o período homólogo. Em Julho, o distrito da Guarda registou 1,8 óbitos por mil habitantes, quando no ano anterior o valor andava nos 1,22. O mesmo se aplica para o distrito de Portalegre, que passou de 1,3 para 1,7 óbitos por mil habitantes. Pelo meio, neste

ranking de distritos onde a mortalidade mais cresceu, está Viseu, que registou em 2020 um rácio de 1,23 mortes por mil habitantes – em 2019, esse valor era de 0,93.

Duas vagas de calor

De acordo com um relatório preliminar do IPMA enviado ao PÚBLICO, o mês de Julho foi caracterizado por “dois períodos com onda de calor, de 4 a 13 e de 10 a 16”. Monção (Viana do Castelo), Montalegre (Vila Real), Pinhão (Vila Real), Braga, Viseu e Nelas (Viseu) foram os locais onde as estações meteorológicas do IPMA registaram dez dias em onda de calor durante o mês de Julho. Ricardo Deus, director da Divisão do Clima e Alterações Climáticas do IPMA, diz que as temperaturas máximas e mínimas estiveram acima do normal, salientando que o fenómeno das ondas de calor também se tem verificado fora do período de Verão. “É normal ocorrerem ondas de calor, não é excepcional, mas têm ocorrido também nos meses de transição, nas épocas do Outono e da Primavera”, finaliza. miguel.dantas@publico.pt

Mortalidade em Julho
Entre 2009 e 2020

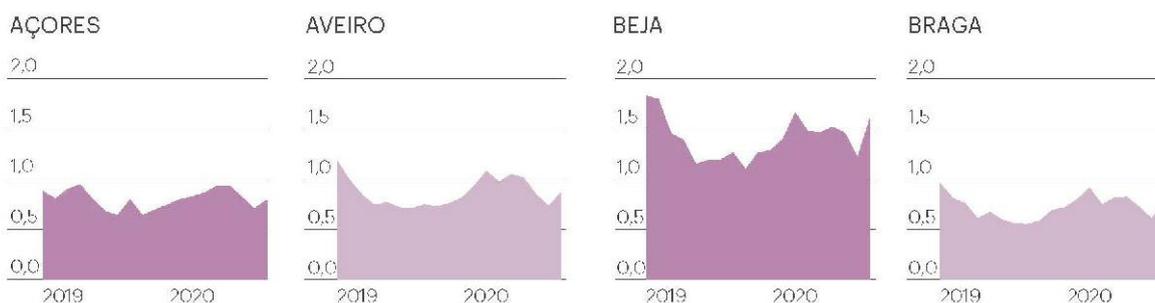


Peso da covid-19 na mortalidade
Em 2020, em %



Mortalidade por mil habitantes por distrito

N.º de mortos por distrito a dividir pela população residente em 2019



Área: 1297cm² / 45%

Tiragem: 72.253

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6910970

Data: 04.08.2020

Título: Foi o Julho com mais mortes em 12 anos e covid-19 só explica 1,5%

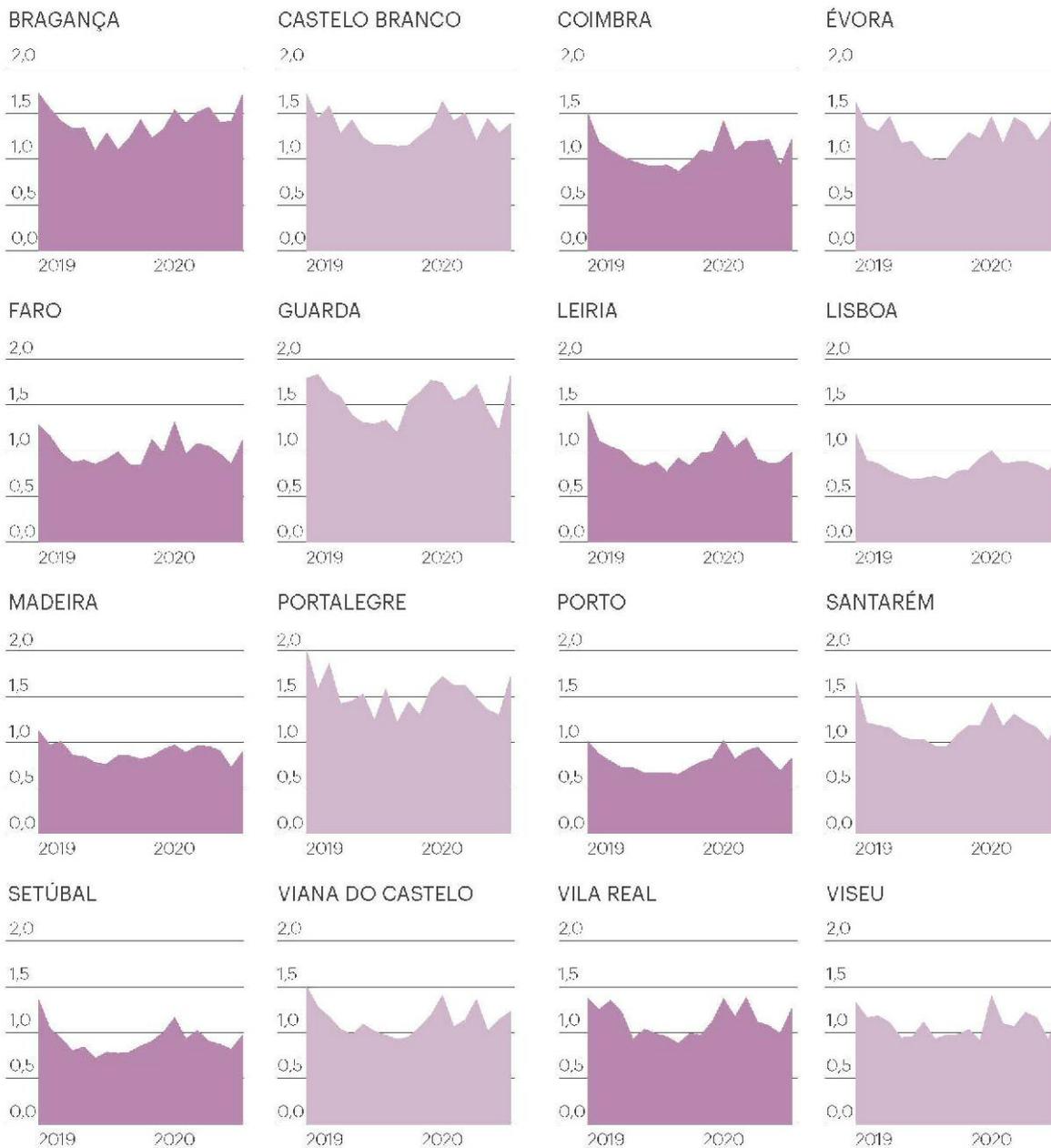
Pub: 



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Nacional

Pág: 1;2;3



Fonte: Sistema Nacional de Vigilância da Mortalidade (eVIV)

PÚBLICO

Área: 1297cm² / 45%

FOTO Titragem: 72.253

Cores: 4 Cores

ID: 6910970

Primeiro dia sem óbitos por SARS-CoV-2 desde 15 de Março

Pedro Sales Dias e Maria João Lopes

Portugal registou ontem zero mortes por covid-19. A última vez que tinha acontecido fora a 15 de Março, tendo a ministra da Saúde anunciado no dia seguinte a primeira morte por covid-19, um homem de 80 anos.

O boletim diário da Direcção-Geral da Saúde (DGS) ontem divulgado dá conta de que o número total de óbitos se mantinha igual ao de domingo: 1738. Na habitual conferência de balanço, o secretário de Estado da Saúde, António Lacerda Sales, emocionou-se quando se referiu aos zero óbitos. Com dificuldade em disfarçar a voz embargada, admitiu “satisfação” depois de “muitos meses a anunciar óbitos”. “Tem sido muito difícil nestes últimos tempos e queria dizer que estamos muito felizes que isto tenha acontecido. Olhamos para estes números com humildade, com cautela, porque sabemos que, de um momento para o outro, esta situação se pode inverter.”

Já o número de infectados continua a subir: registam-se 51.569 casos, mais 106 do que no domingo, um aumento de 0,2%.

O número de pessoas internadas também subiu. Havia ontem 390, mais 12 do que no sábado, 42 delas

em unidades de cuidados intensivos.

Já na análise por região, o retrato mantém-se com a região de Lisboa e Vale do Tejo a continuar a ser a mais afectada pela pandemia: registava 26.389 infectados (mais 66) e 606 mortos (número igual ao de domingo). A segunda região mais afectada é o Norte, com 18.797 casos confirmados (mais 17 do que no domingo) e 828 vítimas mortais.

Olhando para os dados por concelho, o de Lisboa é o mais afectado, com 4562 casos confirmados de infecção (mais 154 que na segunda-feira anterior). Segue-se Sintra, com 3830 casos (mais 135), e Loures, com 2358 (mais 66).

A taxa de letalidade da doença é superior entre os mais velhos. Dos 1738 mortos, 1155 tinham 80 anos de idade ou mais e 332 tinham mais entre 70 a 79 anos.

A notícia do *Expresso*, segundo a qual a DGS deu “ordem para deixar de testar os contactos de alto risco”, ocupou parte das respostas dos governantes na conferência de imprensa de ontem. “Claro que não é verdade que queremos testar menos, pelo contrário”, disse o secretário de Estado da Saúde.

E acrescentou: “Se queremos duplicar a nossa capacidade de testagem e a expansão da nossa rede

laboratorial, se queremos passar dos 12 mil, 13 mil testes diários, para os 24 mil, 25 mil testes diários é porque queremos testar mais.” No entanto, ressaltou que se pretende testar “com critério e método”.



“Sabemos que, de um momento para o outro, esta situação se pode inverter”, disse ontem António Lacerda Sales

Admitiu que o rastreio dos contactos “não estava formalizado em nenhuma norma anterior” e que a norma da DGS, de 24 de Julho – que disse estar em linha com a Organização Mundial da Saúde e outras entidades, sendo reajustável em função da pandemia –, serviu para “clarificar” procedimentos que já existiam “no terreno”. São eles, sublinhou, deixar às autoridades clínicas a avaliação do risco e a decisão de testagem. Mas reafirmou não ser “verdade” que “deixava de ser obrigatório a realização de testes de diagnóstico em contexto de alto risco”.

“Na semana que findou ontem [domingo], Portugal fez em média mais de 13.300 testes por dia”, acrescentou.

pedro.dias@publico.pt
maria.joao.lopes@publico.pt

